

20 anos de *O Segredo da Pirâmide*

Francisco José Castilhos Karam

Resumo

O livro *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*, de Adelmo Genro Filho, completa 20 anos de publicação em 2007. A obra, uma abordagem densa e original sobre o jornalismo, inspirou diversas pesquisas, dissertações e teses, algumas transformadas em livros, e contribuiu, de maneira significativa, para a consolidação da especificidade da área. O presente artigo comenta aspectos do livro, com ênfase na abordagem de AGF sobre o jornalismo como forma de conhecimento a partir da categoria do singular, distinta da ciência (universal) e da arte (particular).

Palavras-chave:

Teoria, Jornalismo, Singularidade, Conhecimento

Abstract

It has been 20 years since the first edition of the book '*O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*', by Adelmo Genro Filho, was published. The book presents a dense and original approach to journalism and has inspired many academical researches, thesis and dissertations, some of them became new books. This paper comments on some of the book's aspects, emphasizing Genro's approach to journalism as a 'singular' way towards knowledge, different from science ('universal') and art ('particular').

Key words:

Theory, Journalism, Singularity, Knowledge

Em 2007 comemora-se 20 anos do lançamento do livro *O segredo da pirâmide*, de Adelmo Genro Filho, uma abordagem densa e original sobre o jornalismo como forma de conhecimento, ultrapassando, entre outras perspectivas, a abordagem crítica negativa dada pela Escola de Frankfurt, ou a previsão de que seria um fenômeno apenas capitalista, consolidado no ápice da Revolução Industrial. O subtítulo “para uma teoria marxista do jornalismo” marca a trajetória do autor como militante político vinculado a correntes sociológicas e filosóficas derivadas de Karl Marx, mas, já àquela altura, crítico tanto dos sistemas de produção capitalista como, igualmente, do *socialismo real*¹, então vigentes no planeta. Isso não fez dele um conformado ex-militante ou ex-teórico. O desafio tornou-se maior, e buscou, no campo da teoria do jornalismo, produzir algo que pudesse incluir uma práxis alternativa, fugindo à lógica das tendências do controle do Estado sobre o indivíduo, à subsunção deste ao sistema global proposto e/ou imposto pelo capital, às alternativas de vertente anarquista ou ao simples andar “natural” do mundo.

Como um filho do casamento entre “o novo tecido universal das relações sociais produzidos pelo advento do capitalismo e os meios industriais de difundir informações”, AGF lamentava, à época, que o jornalismo não fosse suficientemente reconhecido em sua “relativa autonomia e indiscutível grandeza”².

Para ele,

de um lado ele é visto apenas como instrumento particular da dominação burguesa, como linguagem do engodo, da manipulação, da linguagem alienada. Ou simplesmente como correia de transmissão dos ‘aparelhos ideológicos

do estado’, como mediação servil e anódina do poder de uma classe, sem qualquer potencial para uma apropriação simbólica da realidade. De outro, estão as visões meramente descritivas ou mesmo apologéticas – tipicamente funcionalistas – em geral suavemente coloridas com as tintas do liberalismo: a atividade jornalística como ‘crítica responsável’ baseada na simples divulgação objetiva dos fatos, uma ‘função social’ voltada para o ‘aperfeiçoamento das instituições democráticas’. Na linguagem mais direta do mestre (Durkheim), uma atividade voltada para a denúncia e correção das ‘patologias sociais’, portanto, para a coesão e a reprodução do estado ‘normal’ da sociedade, ou seja, o capitalismo (GENRO FILHO, 1987: 37).

Certamente seus escritos desagradaram a vários estudiosos da área, pesquisadores, professores, estudantes e militantes. Mas, da mesma maneira, obteve muitos aliados, na academia, na atividade profissional e na vida política em geral, que se debruçaram sobre o tema de modo mais intenso e qualificado. Como se sabe – ainda bem que assim o seja –, o debate e as controvérsias são essenciais para o avanço social e científico.

Para Adelmo Genro Filho, a Política e a Filosofia não poderiam encerrar-se em cate-drais nas quais os textos teriam um sentido sagrado. A perspectiva de continuar a ser marxista implicava revolucionar o próprio marxismo e inseri-lo dentro das questões contemporâneas. Tal perspectiva, demasiada minuciosa para este espaço de apresentação de um breve texto sobre sua principal obra, pode ser encontrada em sua produção teórica, e, dentro dela, por exemplo, em obras referidas na bibliografia, como nos livros *Marxismo, filosofia profana*; no texto *A filosofia marxista e o legado dos hereges*;

¹ Expressão atribuída originalmente a Leonid Breshnev, ex-presidente da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que então congregava 15 países e cujo projeto ruuiu junto com o fim do socialismo nos países do Leste Europeu, impulsionado a partir do governo de Mikhail Gorbachev na URSS, no qual o símbolo como representação internacional foi a queda do Muro de Berlim, em 1989.

² Genro Fillho, Adelmo. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê!, 1987, p. 37.

³ A dissertação foi apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da profa. Dra. Ilse Scherer-Warren.

⁴ AGF trata muito mais do jornalismo informativo, especialmente do gênero notícia. Diz ele: “A notícia jornalística não pode ser considerada como uma modalidade da informação em geral. Não foi a transmissão genérica da experiência – o que sempre ocorreu em sociedade – e sim a transmissão sistemática, por determinados meios técnicos, de um tipo de informação necessária à integração e universalização da sociedade, a partir da emergência do capitalismo, que deu origem à notícia jornalística”. Op. cit., p. 174. Claro que tanto no espaço da opinião há informação quanto na da informação (e a notícia, dentro dela) há algum grau de opinião. Mas, pelo acúmulo de conhecimento da área, pela experiência profissional e pela metodologia necessária a quaisquer análises, é necessário reconhecer os traços distintivos entre uma e outra. Tal comentário se faz pertinente para defesa contra observações do senso comum, algumas acadêmicas e profissionais, segundo as quais, “tudo é informação, tudo é opinião”, que mais representam certa preguiça de estudos do que uma convicção formada a partir da análise minuciosa, pois isto exigiria tempo, leitura ou experiência.

⁵ Entre eles: Lukács, Georg. *Introdução a uma estética marxista: sobre a categoria de particularidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

e, em relação ao jornalismo, na co-autoria do livro *Hora do Povo, uma vertente para o fascismo*, que, fundamentalmente, considera o jornalismo estritamente ideológico e manipulatório apenas o uso do Poder com sinal trocado, com outros atores, mas com os mesmos métodos, procedimentos e equívocos. Com isso tal jornalismo reforçaria, sobretudo, pre-conceitos individuais, sociais e políticos.

Foi com tais preocupações e perspectivas que AGF escreveu sua dissertação de mestrado, nos anos 1985 e 1986, defendida em 1987, originando o livro³. Nela, dava continuidade a temas esboçados preliminarmente e publicados em forma de artigo, nos anos 1970, nos jornais *Diário de Notícias* (Porto Alegre) e *A Razão* (Santa Maria). E aprofundava aspectos que, ainda de forma incipiente, debatia com seus colegas do semanário *Informação* (Porto Alegre) e do *Semanário de Informação Política* (Ijuí), periódicos que compunham, à época do regime militar (1964-1985), o cenário dos “nanicos” ou alternativos aos da grande mídia. O livro, com abordagem teórica inédita no Brasil, serviu e serve como referência para a análise do jornalismo como forma de conhecimento⁴ e inspirou vários outros trabalhos.

Adelmo destacava que seu trabalho deveria contribuir para a construção de uma teoria do jornalismo, mas de *uma outra teoria do jornalismo*. Fundamentava-se nas categorias de “singular”, “particular” e “universal”, de conhecimento desde Aristóteles, mas tratadas sob nova abordagem por Georg Lukács em seus vários estudos e escritos sobre estética⁵. Segundo Adelmo,

sob a inspiração de Lukács, que definiu a arte como uma forma de conhecimento cristalizada no ‘particular’ (típico), o jornalismo é caracterizado como uma forma de conhecimento

centrada no ‘singular’. Uma forma de conhecimento que surge, objetivamente, com base na indústria moderna, mas se torna indispensável ao aprofundamento da relação entre o indivíduo e o gênero humano nas condições da sociedade futura. Assim, a proposta de um ‘jornalismo informativo’, ideologicamente antiburguês, transforma-se numa possibilidade política efetiva (GENRO FILHO, 1987: 14).

Deve-se recordar que Adelmo não fala no jornalismo partidário ou no jornalismo de opinião, para ele legítimos. E mesmo não detalha o jornalismo das grandes reportagens, com suas técnicas, seus métodos e sua narrativa.

Em *O segredo da pirâmide*, o autor faz uma revisão crítica – seguidamente dura e implacável – de teorias funcionalistas e pragmáticas sobre o jornalismo; do tratamento da visão sistêmica e da tradição de Frankfurt; do reducionismo da visão ideológica originária dos países socialistas; e aborda do jornalismo no auge do capitalismo e as possibilidades dele num sistema socialista e comunista, que nada teria a ver com as sociedades que se auto-intitulavam, à época, socialistas.

Considerava que a perspectiva por ele apresentada não se encaixava no método jornalístico dos países socialistas de então, que viviam, como já destacado, o chamado *socialismo real*. Era, portanto, crítico do jornalismo feito naqueles países, no sentido de que pudesse contribuir para a constituição da efetiva cidadania, consciência e sociedade socialista, valores perdidos e instrumentalizados pelo Poder de então. Ele condenava, com fundamentação teórica, o jornalismo *meramente propagandístico* que se disseminava pelas notícias e reportagens e pela angulação

das pautas e das coberturas em geral, que encaixavam os fatos e as versões dentro de arcabouços político-ideológicos já delineados de antemão. Da mesma forma, criticava a supressão de determinados temas, fatos e versões da agenda socialista cotidiana.

De outra parte, salientava Adelmo, o jornalismo se consolida dentro do sistema capitalista, mas o ultrapassa como necessidade social, sendo indispensável em quaisquer sistemas e modos de produção.

Para AGF,

um enfoque verdadeiramente dialético-materialista deve buscar a concreticidade histórica do jornalismo, captando, ao mesmo tempo, a especificidade e a generalidade do fenômeno. Deve estabelecer uma relação dialética entre o aspecto histórico-transitório do fenômeno e sua dimensão histórico-ontológica. (...) o jornalismo não pode ser reduzido às condições de sua gênese histórica nem à ideologia de classe que o trouxe à luz (GENRO FILHO, 1987: 27).

Pode-se dizer que a produção e a sucessão de eventos produzidos pelos homens, individual e coletivamente, estarão sempre adiante da apreensão do conhecimento sobre eles e, neste sentido, o jornalismo tem uma tarefa única, a de estar um pouco adiante da compreensão social e científica dos fatos por tratá-los antes mesmo de sua interpretação mais densa e profunda. E nem precisa ser “densa e profunda” porque o singular contém elementos que permitem o conhecimento. AGF critica as observações que dizem que o jornalismo não estabelece relação entre as informações e, por isso, seria contrário à formação da experiência.

Do ponto de vista filosófico, a ontologia do ser que cria o mundo e se autoproduz estaria sempre um passo à frente da epistemologia que o compreende e interpreta

Para ele,

qualquer forma de conhecimento ou expressão conceitual da realidade, desde a mais elementar percepção humana, se dá em bases relacionais. O que varia é somente o grau de amplitude e profundidade dos relacionamentos percebidos e comunicados. Levada às últimas consequências, essa tese interditaria não apenas o jornalismo, mas todas as formas de conhecimento e discursos que não sejam expressamente filosóficos. Afinal, só a filosofia tem como objeto as relações universais da totalidade (GENRO FILHO, 1987: 208).

Por isso, a linguagem e a capacidade jornalísticas de narrar são tão importantes. Por meio da singularidade, do irrepetível, dos traços distintivos reconstruídos pela linguagem jornalística, delineiam-se fenômenos particulares e/ou universais. Do ponto de vista filosófico, a *ontologia* do ser que cria o mundo e se autoproduz estaria sempre um passo à frente da *epistemologia* que o compreende e interpreta. E quando esta avança o homem já está produzindo novos atos, fatos e versões, adiante alguns “momentos” da interpretação. Tal possibilidade se dá por meio do tratamento imediato do desdobramento do cotidiano, no qual o jornalismo não deve dissolver a sensação imediata, mas *expressar a experiência imediata como forma de conhecimento* (1987: 197). A teoria proposta por AGF para o jornalismo se realiza, efetivamente, muitas vezes. Mas os limites operacionais, de ordem política, econômica, mercadológica e ideológica são barreiras que limitam ou até impedem tal realização. No entanto, AGF desenvolve uma teoria, com métodos e fundamentação, que pode, potencialmente, ser aplicada, em

quaisquer sociedades contemporâneas, ao cotidiano da atividade profissional jornalística, de forma continuada. Sobretudo, trata da notícia como forma de conhecimento. Destaca que a notícia é a *unidade básica da informação* no jornalismo, e “são os fatos jornalísticos, objeto das notícias, que constituem a menor unidade de significação” (GENRO FILHO, 1987: 186). Reconhece, no entanto, que os fatos jornalísticos são um recorte no fluxo contínuo e, assim, não deixam de ser *uma parte arbitrariamente separada do todo*:

Nessa medida, é inevitável que os fatos sejam, em si mesmos, uma escolha. Mas para evitar o subjetivismo e o relativismo, é importante agregar que essa escolha está delimitada pela matéria objetiva, ou seja, por uma substância histórica e socialmente constituída, independentemente dos enfoques subjetivos e ideológicos em jogo. A verdade, assim, é um processo de revelação e constituição dessa substância totalidade (GENRO FILHO, 1987: 188).

Para ele, um verdadeiro marxista deveria ser um herege, que critica a própria teoria marxista em seus pressupostos, já que a teoria e seus seguidores não levavam e nem levam em conta, muitas vezes, uma série de aspectos colocados à humanidade, entre eles a questão da liberdade individual, artística e política e da geração de fatos imediatos em decorrência disso.

Para AGF,

A integração radical do indivíduo e do gênero, a mútua dependência e penetrabilidade, as amplas e complexas mediações entre um e outro, enfim, a nova dinâmica que emergiu

**Genro Filho
reconhece que os
fatos jornalísticos
são um recorte no
fluxo contínuo e,
assim, não deixam
de ser uma parte
arbitrariamente
separada do todo**

com o capitalismo entre o singular, o particular e o universal – tudo isso, significa que as condições para a transformação da individualidade em ‘pessoa’ e do gênero em ‘humanidade’ estão concretamente colocadas. Para realizá-las, além das barreiras políticas e sociais que devem ser removidas, é necessário que cada indivíduo tenha acesso à imediatidade do todo no qual está inserido. E que possa participar, de forma imediata, na qualificação desse todo em cada momento no qual está se constituindo algo novo. As influências que os fatos mais distantes exercem entre as vidas dos indivíduos de todo o planeta não esperam, nem deveriam esperar, interpretações ‘técnicas’ ou ‘científicas’ oficiais autorizadas. Na maioria dos casos elas são quase instantâneas. Por isso, os indivíduos precisam viver tais fenômenos como algo pessoal, pela feição indeterminada e inovadora do singular, como realidade que está se desenrolando, se auto-produzindo e que não apresenta um sentido fechado e nitidamente delimitado totalidade (GENRO FILHO, 1987: 220).

Segundo AGF, é necessário um jornalismo informativo moderno, constituído “com outro caráter de classe, elaborado a partir de outros pressupostos ideológicos e teóricos, mas cuja missão principal não seja apenas a de propagandear tais pressupostos” e para isso, seria preciso compreender o jornalismo “do ponto de vista teórico” (1987: 143).

Neste sentido, certamente não caberia, no jornalismo do *socialismo real*, a categoria de singularidade como epicentro do jornalismo, como dizia: “[a singularidade] tende a ser crítica porque ela é a realidade transbordando dos conceitos, a realidade se recriando e se diferenciando de si mesmo” (1987: 212).

Assim, a variedade de fatos que emergem no cotidiano não cabe em receituários prontos e em manipulações grosseiras ou sofisticadas do movimento cotidiano da humanidade e dos indivíduos. Os fatos são, em si mesmos, um desdobramento e uma culminação, ainda que provisória, da negatividade humana que precisa ser analisada, resolvida e que, para isso, necessita estar permanentemente na mídia, seja a questão dos sem-terra, da contaminação ambiental, da corrupção nos “intestinos” do Estado e do Governo, dos mendigos que habitam a infirmitude de ruas e acampam debaixo de viadutos brasileiros, dos soldados do tráfico e da exploração infantil de toda ordem, que levam à emergência de fatos que precisam ser conhecidos e compartilhados por meio de sua irrupção cotidiana e de suas características únicas.

Lead, pirâmide e singularidade

O livro, escrito há 20 anos, permite certamente várias abordagens. O próprio Adelmo havia destacado que algumas perspectivas e observações exigiriam, com o tempo, não apenas investigação teórica, mas também empírica. Hoje, há novos estudos que analisam, criticam e avançam sobre as observações de Genro Filho⁶, feitas há duas décadas.

Um dos eixos centrais do trabalho de AGF é o que faz uma proposta de reinversão da pirâmide invertida, mas não sepultando, no entanto, o *lead* clássico⁷ e a narrativa que obedece ir do mais importante para o menos importante – apenas dá a este um caráter secundário diante da construção do texto.

Especialmente no capítulo IX de seu livro, intitulado “O segredo da pirâmide ou a essência do jornalismo”, trata do jornalismo como forma de conhecimento cristalizada a

partir do singular. E trata, mais detalhadamente, com dizia à época, quase exclusivamente do gênero notícia. Reconhece a objetividade, ao contrário daqueles que dizem que ela não existe, mas considera que é uma produção humana que convive simultaneamente com a subjetividade o tempo inteiro, em todas as produções e manifestações humanas, ao contrário de uma visão estritamente positivista ou de uma que meramente negue o reconhecimento dos objetos produzidos e validados pelo Homem.

Para ele, “o *lead*, como momento agudo, síntese evocativa da singularidade, normalmente deverá estar localizado no começo da notícia. Porém, nada impede que ele esteja no segundo ou até no último parágrafo, como demonstram certos redatores criativos” (1987: 191). E vai adiante: “Do ponto de vista meramente descritivo, o *lead*, enquanto apreensão sintética da singularidade ou núcleo singular da informação, encarna realmente o momento jornalístico mais importante” (1987: 191). Assim, AGF reconhece os valores históricos constituídos no discurso jornalístico. Propõe, por isso mesmo, uma continuidade com outro formato, invertendo a pirâmide novamente e colocando-a de pé, como no velho Egito. Isto estaria, precisamente, na capacidade de narrar os fatos com outra perspectiva, ou seja, não do mais importante para o menos importante (pirâmide invertida), mas do singular para o particular, do cume para a base. Tal tarefa não é fácil para parte dos jornalistas, pois exigiria, a meu ver, um esforço de reunir as qualidades do discurso retórico originado na Grécia Antiga⁸ com as do discurso imediato sobre o entorno por meio da categoria do singular, “onde a realidade transborda do conceito, se recria e se diferencia de si mesma”.

⁶ Como, entre os mais recentes, o livro publicado por Sylvia Moretzshon. *Pensando contra os fatos. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

⁷ A expressão *lead* clássico ou *lead* completo se faz necessário porque as derivações dele, por meio do surgimento de novas narrativas, permite vários exemplos de abertura de notícias que fogem a suas características, como apontado, entre outros, por Mário Erbolato em seu *Dicionário de Jornalismo e Propaganda* (Campinas: Papirus, 1985)

⁸ Hoje, novos estudos apontam as origens da estrutura do discurso e do *lead* clássico, envolvendo as seis perguntas básicas (quem, o que, onde, quando, como e por que) na Grécia e Roma antigas, quando os retores expunham suas idéias e fatos e/ou ensinavam seus pupilos a expô-los. Entre muitos exemplos possíveis, que variam de 500 a.C. a 100 d.C., pode-se elencar *Retórica* (Aristóteles), *A invenção retórica* (Marco Túlio Cícero), *Retórica a Herênio* (inicialmente atribuída a Cícero, depois a Cornifício e hoje considerada como de autor desconhecido) e *Formação oratória* (Quintiliano), onde se encontram fundamentos apropriados e adaptados, posteriormente, entre outros, pelo discurso jornalístico e jurídico.

Os estudos de AGF enfocam mais a notícia – e ele destacava isso em várias palestras e conversa com os amigos –, não entrando em minúcias sobre a reportagem (embora dedique algumas observações a ela), que muitas vezes se utiliza precisamente de sua fundamentação, relegando o *lead* (ou sucessivos *leads*) ao interior do texto. Mas a novidade e o desafio é fazer isto na notícia, que é o gênero de maior volume no jornalismo atual, em seus diferentes suportes tecnológicos. A inversão proposta por Genro Filho permitiria, além de mais clareza e verossimilhança, também mais conhecimento à realidade, uma vez que a singularidade permitiria mostrar, também, a particularidade e a universalidade do fenômeno, conforme ele mesmo destaca:

A linguagem jornalística quer apreender a singularidade, mas só pode fazê-lo no contexto de uma particularidade determinada, ou seja, no contexto de generalizações e conexões limitadas capazes de atribuir sentido ao singular sem, no entanto, dissolvê-lo enquanto fenômeno único e irrepetível (GENRO FILHO, 1987: 182).

Diferentemente da Ciência (universal) e da Arte (particular), prossegue Genro Filho,

o critério jornalístico de uma informação está indissociavelmente ligado à reprodução de um evento pelo ângulo de sua singularidade. Mas o conteúdo da informação vai estar associado (contraditoriamente) à particularidade e universalidade que nele se propõem, ou melhor, que são delineadas ou insinuadas pela subjetividade do jornalista. O singular, então,

O jornalismo poderia se constituir como forma do conhecimento na notícia, indo do singular para o particular. Isso implicaria ser comprometido politicamente, solidário com certas possibilidades do real e adversário de outras

é a forma do jornalismo, a estrutura interna através da qual se cristaliza a significação trazida pelo particular e o universal que foram superados. O particular e o universal são negados em sua preponderância ou autonomia e mantidos como o horizonte do conteúdo (GENRO FILHO, 1987: 163).

Assim, o jornalismo poderia se constituir como forma do conhecimento na notícia, indo do singular para o particular. Isso implicaria ser comprometido politicamente, solidário com certas possibilidades do real e adversário de outras (1987: 187), posicionando-se não como um profissional da opinião, mas como um profissional dos fatos reconstituídos imediata e criticamente por meio de sua singularidade, já que ela seria o centro da crítica à vida tal como é, ao cotidiano. Seria possível conhecer criticamente. Mas, como diz o próprio AGF, o conceito de conhecimento aplicado ao jornalismo, cuja categoria central é o singular, “não deve ser entendido na acepção vulgar do positivismo, e sim como momento da práxis, vale dizer, como dimensão simbólica da apropriação social do homem sobre a realidade” (1987: 27). A escolha das pautas é, portanto, importante, da mesma forma como a capacidade de narrar, o que envolve recursos vocabulares e domínio conceitual significativo em relação ao mundo imediato e que conforma o movimento social cotidiano.

O trabalho de AGF não propunha um jornalismo informativo *exclusivamente* com vistas à revolução socialista, mas, basicamente, um jornalismo que pode ser desempenhado dentro de quaisquer sistemas em que o jornalismo atingiu um patamar profissional, necessário ao conhecimento do entorno social imediato. Um jornalista,

marxista ou não, que afirme o jornalismo como forma de acesso e conhecimento social da realidade e com significativa percepção do que acontece ao redor, pode fazer disso uma forma também de exercício do ofício, com sua especificidade técnica e ética, com sua reflexão teórica e sua aplicação estética. E contribui para a sensibilização individual e para a mudança qualitativa de hábitos, comportamentos e sociedades, no sentido de democratizar a “democracia” e de permitir conhecimento e escolhas mais lúcidas e livres.

Como a sociedade e os indivíduos sempre questionam seu momento imediato para afirmar um seguinte, suas ações implicam, em geral, uma negatividade com o presente, para circunscrevê-lo em nova perspectiva ou demanda. Assim, a categoria de singular, de onde se extraem os relatos imediatos, pode significar, para o jornalismo, uma enorme contribuição para um método e uma narrativa inovadores ou até mesmo revolucionários; podem permitir que o desdobramento do mundo dos fatos e das versões, cristalizados no relato singular, revele o movimento cotidiano, insatisfeito, contraditório e rebelde da vida. O passo à frente – a “realidade transbordando do conceito” – é o mundo ainda não apreendido totalmente, ainda não compreendido, ainda não interpretado, por onde se mexe o novo, o inédito, o único. Daí a relevância do relato, que não necessariamente deve seguir a construção do *lead* mais tradicional ou clássico. Isto serve também para as sociedades atuais e é uma ponte bastante grandiosa com a liberdade e sua manifestação cotidiana por meio de acontecimentos transformados em fatos jornalísticos. Um jornalista, reitero, com sensibilidade social e política e com qualidades éticas e capacidade técnica

poderia, diante de diferentes circunstâncias, relatar os acontecimentos e as versões com a perspectiva apontada por AGF⁹.

De fato, o conjunto de reportagens e os próprios exemplos do jornalismo-notícia lembrados por AGF em palestras posteriores, remetem ao desafio de transformar o testemunho em relato informativo que amplia o grau de conhecimento social. A exceção poderia ser transformada em regras do bom jornalismo, comprometidas com os fatos, com a contravérsia, com a cidadania e seus valores universais, que a utopia da perfeição e progresso capitalistas não resolvem e a do chamado *socialismo real* esteve bastante longe. Entre as preocupações de AGF, à época, estava a de produzir textos exemplificativos do conjunto de seu livro, porque julgava necessário aprofundar estudos empíricos, como situei. De qualquer forma, em palestras posteriores ao livro, embora por pouco tempo, deixou a linha de trabalho que seguiria. Lembro um exemplo dado pelo próprio AGF, retirado do jornal Zero Hora (Porto Alegre), em julho de 1987:

Nesta notícia, sem dar opinião alguma, respeitando as regras do Jornalismo como conhecimento produzido através do singular, o jornalista conseguiu dar um enfoque claramente favorável à Reforma Agrária, claramente contrário aos latifundiários, e sem emitir qualquer opinião explícita, sem usar qualquer adjetivo qualificativo em relação aos latifundiários, sem dizer se estão com razão ou sem razão.

É sobre um conflito que ocorreu no Congresso Nacional entre os agricultores que pediam a Reforma Agrária e os latifundiários da UDR, que tentaram fazer um cordão de isolamento e não deixar os agricultores ocuparem as gallerias:

⁹ O jornalista Cláudio Abramo, por exemplo, no livro *A Regra do Jogo* (São Paulo: Companhia das Letras, 1988) dá exemplos práticos próximos à perspectiva de Adelmo Genro Filho. Também não são poucos os jornalistas que, ao longo de sua trajetória, relataram os acontecimentos com critérios profissionais e por meio da singularidade, embora a percepção se manifestasse pela experiência empírica, resultado, mais, de sua sensibilidade e qualidades ética e técnica, e menos por um conhecimento aprofundado sobre teorias do jornalismo. Um dos grandes méritos da obra de Genro Filho é, precisamente, fundamentar e sustentar, teoricamente, as bases que legitimam a atividade no cenário contemporâneo e a fazem caminhar, como potencialidade, em direção ao cultivo do senso crítico no público.

‘Pela manhã a UDR absoluta nos corredores do Congresso. O Presidente da entidade no Rio Grande do Sul, Gilberto Scoppel, dava entrevistas à imprensa cercado de cento e cinquenta militantes gaúchos da organização, todos vestidos a caráter, bombachas, botas e lenço no pescoço’. Vejam a caracterização que já vai fazendo, caracterização do latifúndio. “Vindos num voo charter especialmente fretado...” O fato é objetivo, agora se pode incluir isso ou não na matéria.. É um fato absolutamente objetivo... ‘Vindos num voo charter, especialmente fretado pela organização, os integrantes gaúchos da UDR confraternizavam com seus colegas de Minas e Espírito Santo, a maioria’ Vejam bem... ‘a maioria jovens, filhos de fazendeiros usando jeans de grifes famosas, camisas pólo, muitos de óculos escuros, apesar da ausência de sol no interior do Congresso’.

A singularidade, no entanto, não precisa ser buscada apenas na narrativa – embora imprescindível nela com tal perspectiva –, mas também pode ser procurada na pauta, aproximando-se dos critérios noticiosos da novidade e atualidade, tratadas também por diversos autores. Conforme AGF, a reprodução da realidade na forma jornalística tem uma *base histórica objetiva e subjetiva*:

Aquilo que, em si mesmo, constitui uma singularidade há alguns anos, como um transplante cardíaco, por exemplo, hoje não é mais. Para torná-lo notícia, será preciso descobrir alguns aspectos que diferenciam esse transplante dos outros. Por outro lado, um simples acidente de automóvel, sem vítimas, poderia ter interesse jornalístico no início do século [20] quando estavam sendo fabricados os pri-

meiros veículos. Hoje, no entanto, em geral valerá como um evento estatístico e não em si mesmo (GENRO FILHO, 1987: 207)

O livro, objeto central deste trabalho, foi lançado em agosto de 1987. O autor faleceu em fevereiro de 1988, seis meses depois, aos 36 anos, sem ter desenvolvido uma série de questões que, à época, conversava com alguns de seus amigos, colegas e correligionários. Pretendia, dentro de próximos estudos, analisar mais detalhadamente, na mídia em geral, textos que se aproximavam do que ele propunha, que poderiam ser referências claras e permitiriam entender melhor os conceitos abordados e desenvolvidos ao longo do livro.

Como professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Adelmo entremeava naqueles anos a escrita da dissertação com aulas, palestras e artigos, muito mais voltados para a filosofia e a ação política revolucionária, sua preocupação principal. O sítio digital www.adelmo.com.br, idealizado e colocado no ar por iniciativa de Daniel Herz, está em processo de atualização e tem como projeto incluir debates ainda inéditos em torno do livro, uma preocupação do autor e de seus interlocutores com a continuidade e desdobramento de estudos a respeito do jornalismo como forma de conhecimento a partir da aplicação do conceito de singularidade.

Sobre o autor

Francisco José Castilhos Karam, jornalista e professor na Universidade Federal de Santa Catarina, onde ministra aulas e desenvolve projetos de extensão e pesquisa junto à Graduação e ao Mestrado em Jornalismo. Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUCSP. fjkaram@terra.com.br

Referências

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

_____. Teoria do Jornalismo. *Jornal Zero*. Florianópolis: UFSC, setembro de 1989. (Publicação de palestra proferida no Encontro Regional de Estudantes de Comunicação, em julho de 1987, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre)

_____. *Marxismo, filosofia profana*. Porto Alegre: Tchê!, 1986.

_____, ROLIM, Marcos e WEIGERT, Sérgio. *Hora do Povo: uma vertente para o fascismo*. São Paulo: Brasil Debates, 1981.

_____. A filosofia marxista e o legado dos hereges. In: MARX, Karl; BLOCH, Ernst; KORSCH, Karl; ENGELS, Friedrich. *Filosofia e práxis revolucionária*. São Paulo: Brasil Debates, 1988, pp. 7-22.